

# A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



## REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

## Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3\$600 rs. — Semestre 1\$920 rs. — Trimestre 1\$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 25. — SABBADO, 21 DE JUNHO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4\$000 — Semestre 2\$100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5\$000.

## SUMMARY.

O reino das flores (continuação) — A caixa do doutor (continuação) — A amisa le — Principal Mesquita de Serinagor — Quadros inglezes — Discursos de recepção na Academia Real das Sciencias de Lisboa — N. — As senhoras que dirigem os asyls da infancia desvalida — O rio Douro — Incendio na estação do caminho de ferro em Vauxhall — A Foz — A idade media e a Igreja Catholica — Chronica semanal. GRAVURAS — A Foz — O rio Douro — O campo de feno — Mesquita de Serinagor — Incendio na estação do caminho de ferro em Vauxhall.

## O REINO DAS FLORES.

(Continuado do n.º 24.)

### VI

Liberdade de imprensa. — Leitores publicos. — Ovações populares ou offercimento de botas. — Liberdade d'associação, de profissões, de transito, e de culto. — Eleições populares. — Socialismo. — Singular theoria sobre juros. — Divisão do trabalho. — Organização militar.

A liberdade d'imprensa, que tanto contribue para assegurar e desenvolver o progresso dos conhecimentos humanos, existe na China do modo mais amplo, sem comtudo ter n'aquella região obtido os beneficos resultados que em todos os demais paizes a acompanham.

Desde o meião do seculo x é ali conhecida a gravura em madeira, e a sua applicação á imprensa, similhando o methodo europeu moderno da stereotypia, ou os primitivos processos da impressão dos livros. Os caracteres de cada pagina, são abertos em pranchas de pau.

No reino das flores quem quer fazer imprimir livros, folhetos, folhas volantes, pasquins ou pamphletos para affixar pelas ruas e praças, sem dependencia da auctoridade. Se alguma d'essas publicações tende a alterar a ordem publica, investivando os mandarins, estes procuram descobrir seus auctores, e se chegam a conseguil-o castigam-nos rigorosamente. No emtanto pôde-se dizer em geral, que na China não se abusa tanto desta liberdade como na Europa, excepto nas publicações de folhetos immoraes e obscenos, rebaixados ás vezes até ao mais ignobil e revoltante cynismo, com que se excita e apraz a sensual imaginação dos chins. Comtudo, não saem da imprensa chineza essas novellas recheadas de equivocos obscenos, que se traduzem, imprimem e reimprimem entre nós, e com que se sacia a pouca ou muita avidez que o povo em Portugal tem da leitura; verdadeiros venenos litterarios, que lentamente e por passatempo introduzem a immoralidade ou pervertem a imaginação no seio das familias, principalmente nos individuos do sexo feminino. Na China as

publicações livres são francamente taes, e por isso talvez menos perigosas para os espiritos fracos e pessoas incautas, por que logo denunciam o mal que contem. A corrupção dos costumes é hoje ali espantosa, apesar da hypocrita mascara de decencia exterior com que a disfarçam, do que até mesmo se vão dispensando muitos individuos em todas as classes.

Os chins tem grande veneração pela palavra escripta, e evitam com muito cuidado empregar em usos vs qualquer papel impresso, ou escripto ao pincel. Pisal-o aos pés ou sujal-o fóra um desacato imperdoavel. Parece que não ligam a isto idéas supersticiosas, o que admira, mas tão sómente a significação de honrar por este modo o pensamento humano, de certa maneira encarnado e solidificado na palavra escripta. Nem todos, porem, o observam escrupulosamente, e por isso ha uma classe de bonzos, cujo piedoso officio é procurarem por toda a parte papel impresso profanado. Com um gancho, á maneira dos nossos trapeiros, o salvam até d'entre as mais asquerosas imundicies, e guardando-o religiosamente, levam aquelles fragmentos rehabilitados para os pagodes, onde os queimam perante os seus idolos.

Um dos desafogos da liberdade d'imprensa de que mais se uza em assumptos publicos, é o dos pasquins, no que os satyricos da nação central mostram grande habilidade e ás vezes muito espirito. Quando querem criticar a administração de qualquer auctoridade, ou advertir um mandarim de que o povo está descontente com elle, chovem os pasquins cheios de ditos picantes, e até de epigram-

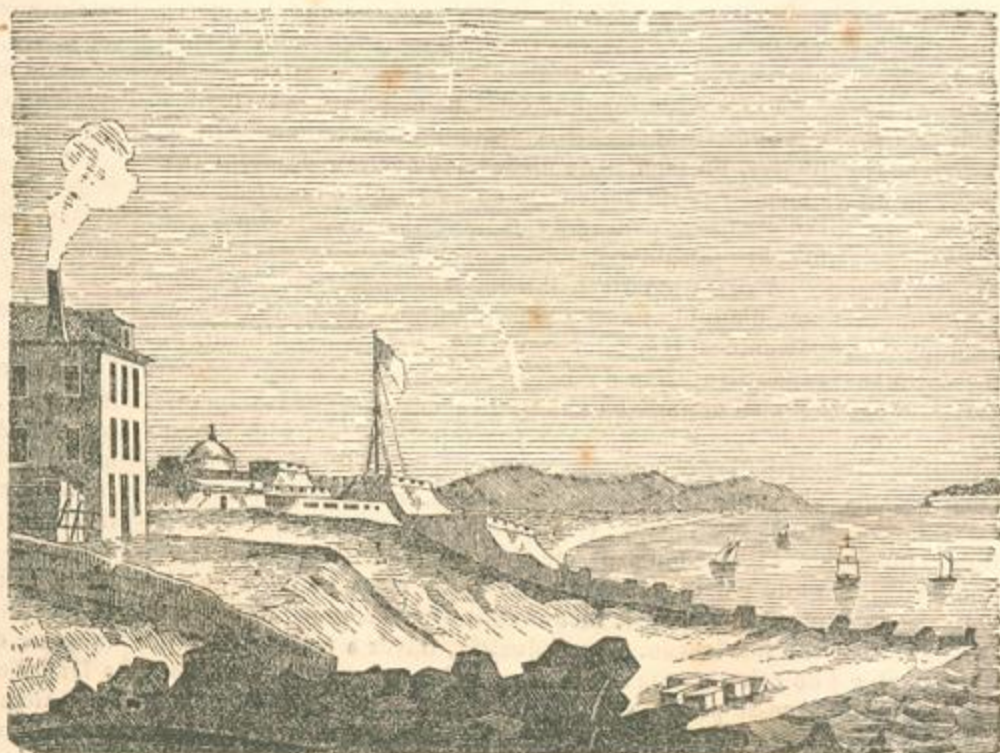
mas, sarcasmos e insultos. Afixam-nos por todas as esquinas e principalmente nas portas do tribunal onde reside o mandarim, sobre quem fazem recair o odio da multidão, que sempre lê com avidez taes escriptos, e os comenta em alta voz. Dizem que os celebrados pasquins romanos são bem inferiores ao que neste genero se observa no reino das flores.

Como compensação, succede algumas vezes que este meio de censura se transforma em lisongeiro agradecimento publico para com os empregados que souberam merecer a estima popular. Então os elogios pomposos substituem a diatribe, e o idolo do povo é sempre comparado ás mais famosas e santas personagens de que rezam as tradições da veneranda antiguidade. Observa-se todavia que os chins são mais felizes e habeis na satyra do que na apologia, e sabem muito melhor fabricar verrinas do que panegyricos.

Cabrá aqui notar um singular costume do celestial imperio. Quando o mandarim que bem mereceu do povo termina o praso do seu governo (de ordinario tres annos para os logares de administração), e é transferido para outro local, consiste a ovação popular em irem no dia da partida os principaes habitantes da cidade offercer-lhe um par de botas novas de setim (que são as de mais luxo) e descalçar-lhe as que leva, que ficam penduradas á porta da cidade, como preciosa recordação e monumento da sua boa administração. Este costume é antiquissimo, e daria logar a fazer-se facilmente a estatística dos bons mandarins do reino das flores, pelo numero de pares de botas velhas penduradas da abobada dos portaes das suas cidades.

Os chapens cardinalicios pendentes das paredes dos templos catholicos onde jaz sepultado algum d'aquelles principes da igreja, e o par de botas novas que o mosteiro d'Alcobaça offerencia como propina aos nossos antigos monarchas, por occasião de o visitarem, tem alguns resaios deste celebre costume chinez.

Tambem se liga com a liberdade d'imprensa ou do pensamento, um costume, ou quasi instituição desconhecida na Europa moderna, e que tanto fez as delicias da flor da sociedade romana. São os leitores publicos. Classe muito numerosa de individuos, que vivem de ler ao povo a historia nacional, ou as passagens mais dramaticas e interessantes dos annaes da China, acompanhadas de commentarios e dissertações. Estes leitores tem de ordinario o dom da palavra, e muitas vezes o da eloquencia. O povo escuta os com ávido prazer, agrupando-se á roda delles nas ruas, nas praças, e á entrada dos tribunaes e dos pagodes. Percorrem todo o imperio, penetrando nas mais pequenas povoações, e recebendo nos intervallos das leituras as sapecas que os ouvintes lhes dão, e com que se mantem. É facil de imaginar a influencia que es-



A Foz.



tes individuos podem exercer nas massas populares em tempos de perturbação, e quanto, juntamente com as sociedades secretas, não terão figurado na actual insurreição. Alem da liberdade de imprensa, existem na China outras liberdades que ou de todo não se encontram, ou são muito menos amplas nos paizes mais constitucionaes da Europa e d'America. Começarei por notar a de associação.

Todas as sociedades são permittidas, excepto as sociedades secretas, que ha mais de duzentos annos teem conspirado permanentemente contra a dynastia tártara, e que o governo tem perseguido com todo o rigor. O espirito de associação está geralmente espalhado no paiz, e radicado nos costumes nacionaes. Formam-se sociedades para tudo, espontaneamente e fóra de toda a influencia governativa: tanto na industria, como nas empresas e negocios de toda especie. Até os ladrões, os mendigos se organisam em corporações como succede na desdenhosa e policiada Londres. Ninguém fica isolado na sua esfera. Por instincto se aproximam os individuos, e reúnem em commum os seus recursos para os fazerem valer. Succede mesmo organisarem-se corporações de cidadãos para fazerem observar as leis e manter a ordem publica, nos logares onde a fraqueza ou o descrédito das auctoridades o não podem conseguir; formando sociedades contra jogadores, ladrões, etc., impondo mesmo, e fazendo executar sanções penaes.

Para facilitar as operações commerciaes, inventaram os chins certas sociedades pecuniarias, que estão muito em voga, e cujo principal objecto é evitar o inconveniente das dividas peremptorias e que vencem juro, áquelles que precisam levantar pequenos capitais. Os membros destas sociedades concertam entre si a quantia com que cada um entrará mensalmente. N'um determinado dia em cada mez tira-se á sorte o bollo ou lote formado dessas quantias, e assim successivamente todos os mezes até que a todos tenha cabido a sorte. Ora como os ultimos em quem esta recaisse seriam prejudicados, por não terem tirado vantagem alguma do seu adiantamento mensal, estatuem que de cada lote que se levanta se deduza um modico juro correspondente ao tempo que ainda decorra até ao sorteamento do ultimo lote.

A vantagem principal destas sociedades é proporcionarem de repente a qualquer dos seus membros, uma somma de dinheiro, que vai pagando em parcelas. As condições variam muito, segundo as localidades; mas quasi sempre o fundador da sociedade tem direito ao primeiro lote, e como é responsavel pelas quotas dos socios, tambem revertem a seu favor as que estes adiantaram e que perdem á primeira que deixam de pagar, o que porem raras vezes acontece, cumprindo os chins fielmente nisto os compromissos a que se ligam. Se faltam, incorrem n'um desdouro que os torna despreziveis aos olhos dos seus concidadãos. Quando algum socio tem precisão de dinheiro, facilmente obtem que lhe cedam o lote. Se se inhabilita para pagar as quotas, transmite-as que pagou a outro individuo, que continua a satisfazê-las, como n'alguns montepios europeus se permite.

Estas sociedades estão de tal modo disseminadas e em voga, que quasi todos os habitantes do reino do meio fazem parte dellas. Os cultivadores, os artistas, os negociantes por miúdo, toda a gente em summa se associa por este modo, e procura mutuamente auxiliar-se. O chin não vive nunca isolado, mas é sobretudo nos negocios d'interesse e de commercio que mais se manifesta e desenvolve o espirito de associação que existe no celestrial imperio. Entrei nestes promenores acerca desta especie d'associações, pela possibilidade e conveniencia da sua adopção entre nós, principalmente em corporações já constituídas, como em certas repartições publicas ou particulares, nos militares arregimentados, nos gremios ou modernas associações de artes e officios, cuja salutar influencia abrange o melhor da população das duas primeiras cidades de Portugal, e que sob tão bons auspicios vai progredindo por todo o reino.

A liberdade na escolha das profissões é um característico que muito distingue os chins das outras nações asiaticas. Exerce cada um a que quer sem que o governo tenha nisso a menor intervenção. Póde-se ser artista, medico, agricultor, negociante, ou exercer o magisterio em qualquer ramo de conhecimentos ou de ensino civil ou religioso, sem que seja necessario patente, licença, ou auctorisação de qualquer qualidade que seja.

Não ha talvez paiz onde a liberdade de transito seja tão completa como na China. Não ha lá passaportes, nem fiscalisação da policia, que tanto avexam o transito dos cidadãos no continente da Europa. A circulação para as pessoas é inteiramente livre dentro dos limites do imperio. É, porem, prohibido transpor as fronteiras, para não ir colher maus exemplos entre os povos estrangeiros e barbaros, e perder o fructo da sua sublime educação como dizem os chins; mas este preceito da lei, não se cumpre, como tantos outros, e hoje numerosissimas migrações de chins vão povoar as colonias hespanholas, inglezas, e hollandezas, e varios paizes das costas d'America sobre o oceano pacifico.

De outubro de 1854 a junho de 1854 saíram dos portos da China 36:690 emigrados, transportados em 138 navios, quasi todos inglezes e americanos. Disfructam os chins a mais completa liberdade religiosa. Cada um segue o culto que lhe parece, e não ha propriamente religião de estado, nem sacerdotes mantidos por este. A tolerancia, ou

antes a indifferença em materias de religião, leva-se a tal ponto que é preceito de civilidade, quando duas pessoas se fallam pela primeira vez, perguntarem mutuamente qual é o culto que seguem, e fazerem o elogio da religião que não é a sua; concluindo sempre com a seguinte formula de scepticismo « As religiões são differentes, mas a razão é uma só, e todos os homens são irmãos. » A perseguição que soffrem os christãos, da parte do governo, é sómente porque os reputa conspiradores politicos.

A eleição popular e o voto universal, tambem não é cousa desconhecida no reino do meio. Nos primeiros tempos da monarchia eram os magistrados eleitos pelo povo; depois este direito limitou-se á escolha d'um chefe por cada cem familias; especie de juiz do povo, ou auctoridade intermediaria entre este e os funcionarios publicos, e que tem varias attribuições policiaes e sobre repartição d'impostos. Não é licito, nem procuram nunca os mandarin, influir nestas eleições.

Não são desconhecidas na China as aspirações para melhorar a condição do povo, por meio de profundas reformas na organização social. As idéas socialistas já no seculo XI alli estiveram muito em voga, e produziram grande agitação. O celebre reformista Wang-ngan-ché, homem de superior talento, formou escola e tornou-se chefe dos partidarios daquellas idéas, chegou a ganhar as boas graças d'um imperador da dynastia dos Tong, e chamado ao poder, levou á pratica as suas audaciosas innovações. Segundo os principios que professava, para evitar a exploração do homem pelo homem, e impedir que as classes laboriosas fossem oprimidas pelos ricos ociosos, o estado devia apoderar-se de todos os recursos da nação, e fazendo-se quasi unico proprietario do solo, tornar-se explorador universal, exercendo o commercio, a industria, e a agricultura. Em summa o seu systema tendia a nivellear as fortunas e a condição dos individuos. No seu desenvolvimento apresentava a maior parte das theorias ou utopias do moderno socialismo. Teve, porém, o audaz reformador temivel adversario no chefe do partido conservador, Sse-ma-kuang, homem tambem de grande esfera. Dividiu-se a nação nesse tempo em dois partidos violentos, e lançou-se apaixonadamente na politica, empenhando-se na discussão dos systemas que deviam operar no imperio immensa revolução social. Com tudo a que começou a executar Wang-ngan-ché, não obteve brilhantes resultados, e o povo achou-se em peor condição do que nunca. Por fim, depois de varias alternativas, foram os socialistas perseguidos e expulsos do imperio pelo anno de 1129, sendo a memoria do seu chefe votada á execração.

Conta a China varios estadistas que tem tratado com grande sagacidade, a seu modo, as materias de alta politica e economia social do imperio. São curiosissimos seus escriptos e idéas nestes assumptos. Como o reino das flores é, por assim dizer, a antithese da Europa na maxima parte das idéas, instituições e costumes, tambem alli são considerados ao revés os mais incontestaveis principios da sciencia economica europea. Por exemplo sustentam os estadistas do celestrial imperio, que é de vantagem publica o alto juro do capital; e na verdade a legislação, que sempre é mais ou menos a expressão das necessidades e conveniencias do estado, fixou o interesse legal do dinheiro em 30 por cento ao anno. Segundo alguns distinctos escriptores e estadistas da nação central, tende esta medida a rebaixar o valor dos bens de raiz, e a distribuil-os proporcionalmente ao numero de familias, tornando ao mesmo tempo a circulação do dinheiro mais activa e mais uniforme. E o que é mais singular, é que argumentam com a experiencia, que parece ter comprovado, na China, que a massa da propriedade territorial possuida pelo povo e a successiva divisão della, tem augmentado na razão directa da alta do juro. É certo que a grande propriedade e a grande cultura são pouco communs, e d'aquí provém talvez o estado florescente da agricultura na China. Não ha paiz no mundo onde ella seja mais animada e tida em consideração, e onde os methodos de cultura e irrigação sejam mais apurados e engenhosos.

Parece que segundo estes principios é que tambem nos numerosos estabelecimentos de emprestimos sobre penhores, ou montes de piedade, do celestrial imperio (que na maior parte pertencem ao governo), o juro é de 2 por cento ao mez para objectos de vestuario, e de 3 por cento sobre joias e metaes.

A divisão do trabalho em cada industria, é tambem uma d'aquellas antigualhas da China, de que só modernamente se tem feito ampla applicação no continente europeu. No reino do meio é antiquissima e tem sido levada ao ultimo ponto a pratica deste fecundo principio. Cada operario cultiva a sua especialidade, segundo sua particular propensão. No fabrico da porcelana, por exemplo, um pintor desenha as flores, outro os passaros, outro as borboletas; este applica o vermelho, aquelle o verde, est'outro o azul, etc. Um vaso de porcelana, antes que se dê por concluido, passa pelas mãos de mais de cinquenta operarios, incumbidos dos varios promenores da sua fabricação. Esta industria, talvez a mais importante do celestrial imperio, acha-se hoje em grande decadencia. Tem-se perdido muitas receitas e segredos da arte, e as peças de porcelana antiga são tidas em grande apreço pelos antiquarios chinezes. No celestrial imperio, o gosto pelas raridades e antigualhas não é menor do que na Eu-

ropa, e, como nesta região, para muitos degenera em mania, que os expõe a grandes lograções.

Os chins conheceram a polvora muitos seculos antes que fosse usada na Europa; mas sempre tiveram mais inclinação a empregarem-na nos fogos d'artificio, anti-quissimos no reino do meio, do que nos instrumentos e maquinas de guerra.

Tambem usaram da bussola muito antes que na Europa fosse conhecida, e com tudo nunca se aventuraram, ao que parece, a viagens de longo curso no mar alto, nem a sua marinha de guerra teve jamais importancia conhecida. Hoje, porem, o exercito e esquadra tem chegado á mais deploravel decadencia, e quasi que não são mais do que uma parodia dos exercitos e esquadras europeas. Talvez se possa dizer que não ha nação em que a força publica seja mais ridicula e miseravel. Os soldados não teem disciplina, nem equipamento regular. Não conhecem nem o sentimento da honra e da gloria, nem a dedicação patriótica innata em todos os povos. Pode-se sem exaggeração affirmar que são incapazes de fazer frente a soldados europeus, nem mesmo na proporção de um para cincoenta. Citarei apenas em abono desta opinião o facto acontecido em Macau em 1849. Trinta e seis soldados portuguezes, commandados pelo bravo tenente V. N. de Mesquita, bastaram para tomarem de assalto um forte chinez, guarnecido com quatrocentos homens e vinte grossos canhões, e collocado em boa posição militar.

Não vem aqui a proposito expor miudamente as causas desta inferioridade. Alem do que já dissemos n'outra parte deste trabalho sobre o modo de educar a officialidade, ou mandarin militares, só apontaremos: a longa paz de que tem gosado o imperio desde seculos; a politica da dynastia manchú, interessada em extinguir nos chins o espirito bellicoso, que os poderia incitar a revoltar-se contra os conquistadores da patria; e sobre tudo o nenhum estímulo que apresenta a carreira militar, que é reputada ignobil na opinião publica, e nas obras dos philosophos e estadistas. O soldado é tido na conta de homem inutil e sem valia; um *anti-sapoca* na frase chinez. O cargo do mandarin militar, no conceito geral, é muito inferior ao do mandarin civil ou graduado em lettras, tendo o primeiro por dever receber deste todo o impulso e direcção. No discorrer dos chins, o militar representa a materia e a força; o letrado a intelligencia que o deve dominar e dirigir. Os chefes dos exercitos em operações são de ordinario mandarin civis.

É difficil avaliar a força numerica do exercito chinez. Segundo o almanak official, é de um milhão e dusetos mil homens, incluindo chins, mongoles e manchus. Tal numero, porém, é uma decepção propria d'almanak chinez. Suppõe-se com bons fundamentos, que não excedem muito a dusetos mil homens os que verdadeiramente se empregam no officio das armas.

Na guerra usam de caraças hediondas, ou representando animaes feroses e fantasticos; e tambem de cabaças pintalgadas á maneira de tigres e leões, com que suppõe amedrontar os inimigos. Nas revistas geraes apresentam-se os soldados do modo mais grotesco. Cada um armado a seu capricho, quasi sempre de leque e cachimbo, e muitos com o seu guarda-sol debaixo do braço.

São as tropas tartaras manchus as unicas que merecem d'algum modo tal nome. Tem certa disciplina, vivem sujeitos a regulamentos, e em quarteis ou bairros separados da população chinez, nas principaes praças do imperio confiadas á sua guarda. Não se julga, porem contarem mais de sessenta mil homens, destinados a conter na obediencia a uma dynastia estrangeira essa extraordinaria população de mais de trescentos milhões de habitantes. Com tudo nas grandes crises costuma o imperador chamar em seu auxilio as innumeraveis tribus de tartaros, que são tributarias do imperio. Nómadas, aguerridas e exaltadamente fanaticas, entre ellas todo o homem é soldado e ha muito prestigio pela dynastia reinante na China, oriunda destes povos, e que exerce grande influencia nos sacerdotes da religião de Budha, que inteiramente os dominam. A este poderoso recurso se deve, talvez, a resistencia prolongada que o partido dynastico tem opposto á formidavel iusurreição nacional, de modo que ainda hoje é problematico o resultado d'essa grande lucta.

Continua.

C. J. CALDEIRA.

#### A CAIXA DO DOUTOR.

(CONTINUAÇÃO DE UM CONTO DE HOFFMANN.)

Ao entrar em Lisboa, começaram a cahir os castellos no ar, que tinha feito com a innocencia propria de creança. A cidade, que suppozera uma terra de encantamentos, rica de bellezas e prodigios, apparecia me agora, como na realidade era, affeiada ainda em cima pela luz tristonha do crepusculo.

Como differia do que presenciara no campo este periodo do dia em Lisboa! Aqui os olhos embatiam contra as paredes apuradas e erguidas; sumiam-se pelas ruas longas e estreitas, ou iam envergonhar-se de olhar para a lama das ruas, ou para o immundo das testadas das cazas; alem a vista espriava-se pelos campos fóra, vendo sempre maiores bellezas, passando de panorama para panorama o qual mais pittoresco, o qual mais variado e gracioso. A luz tambem era muito diversa: na minha terra o



clarão crepuscular tingia o céu com as mais bellas cores e reflectia-se nas arvores e nas hervas, a que uma vez dava o aspecto de um largo brazido, outra o de uma vegetação fantastica surgindo á voz de uma fada qualquer, que a ornasse de pedras preciosas, e que lhe pendurasse dos ramos os maiores thezouros do mundo; e que horisonte acanhado e confrangido, carregava-se successivamente de trevas, sem belleza sem magnitude e entristecia-nos a alma comsigo.

Sabe perfeitamente quanto a Lisboa de hoje differe da de ha vinte annos, e que reformas e melhoramentos não tem recebido d'então para cá. Supponha-a pois, como então era, veja-me de mais a mais obrigado a ir parar a um dos peiores bairros, onde morava meu thio, e considere bem, se não deveria ser duro o contraste e custoso o desengano.

Mas não pararam aqui as desillusões. A recepção que meu thio me fez, e o seu character, ficaram tanto aquém do que eu esperava, que por um triz estive para voltar á minha terra, sem me importar mais nem com os estudos, nem com a cidade.

Era elle um typo excepcional, um destes characteres algum tanto extraordinarios, mistura inexplicavel de qualidades boas e más, e em que se não conhece quaes dellas são as que triumpham.

Sabia-se-lhe de uma unica paixão, de um unico vicio, que ás vezes assumia proporções assustadoras, a bibliomania. O melhor presente que se lhe podia fazer era um livro raro, a melhor fortuna, com que podia deparar era com uma ou outra edição, que tivesse dois ou tres erros typographicos n'uma dada pagina, ou que fosse impressa em characteres de um certo e determinado typo.

As suas paragens mais habituaes eram as lojas dos livreiros e alfarrabistas, e os seus unicos passeios eram ainda excursões bibliophilas pela feira da ladra.

Os clientes em medicina, como em quasi todas as cousas, julgam sempre pelas apparencias. Um homem que sabia pouco, era porque devia de trabalhar muito; se tanto amava os livros, era porque lia muito; e se tão pouco cuidava de si era porque certamente considerava as vaidades do mundo, como homem superior, e como tal as desprezava; estas conclusões bastantemente alheias á verdade eram as que geralmente vogavam a seu respeito, e que o faziam passar por um medico distincto. Algumas curas felizes tinham concorrido tambem, e a reputação de meu thio era inabalavel.

Todavía elle não procurára nunca os doentes, estes tinham affluído, sem a menor diligencia da sua parte esem que desse pela concorrência. Maldizia-os do intimo d'alma, quando o vinham interromper nos seus estudos, mas uma vez chegado á cabeceira do doente, seguia a enfermidade com sollicitude e trabalhava quanto lhe era possível para a remediar.

Demais era serviçal e bondoso, qualidades estas, é verdade, que estavam escondidas sob uma exterioridade quasi repellente, como alguns dos seus thezouros sob as teias de aranha e poeira secular, mas que todavia appareciam nos momentos necessarios; e nas raras vezes, que conversava era jovial e engraçado. Consideravam-no pois em muito; e os seus ditos chistosos, de valia pela raridade, eram citados e tidos em grande apreço.

Como todos os homens, que passam a vida izolada era arrebatado e colerico; mas por uma contradição difficil de explicar, sujeitava-se quasi sempre de boa vontade aos caprichos de uma creada velha, que tinha comsigo, e que não poucas vezes degenerava em tyranno. Verdadeira creada de homem só, era a senhora absoluta da casa, velha, rabujenta teimosa e hypocrita, tendo mais defeitos do que dentes, estava destinada para ser o meu flagello em quanto eu persistisse em casa de meu thio, e assim foi. Considerando-me como mais uma cauza de trabalho, resolveu vingar-se exercendo sobre mim a sua despótica vontade, e fazendo com que a victima pagasse em torturas, o que o sobrinho de seu amo tinha a receber em cuidados.

Apenas soube quem eu era, meu thio chamou-a e entregou-me ao seu poder, pelas seguintes palavras. É um sobrinho meu, que vem para a nossa companhia, da-lhe um quarto, e cuida porque lhe não falte o necessario.

—Mas o sr. bem sabe, que não temos quartos, e eu, já tão sobrecarregada de trabalho, e agora com esta chegada mais não sei como ha de ser. Eu cá por mim não posso.

—Elle não ha de dar que fazer, tem desoitto annos, já pode cuidar de si, em quanto a quarto arranja-o como poderes, porque supponho tambem que não deve de ser muito exigente.

Depois voltando-se para mim: Acompanha-a, e obedece-lhe respeitosa, porque ella se encarrega da tua educação, para o que não tenho tempo; ella bem sabe o que te convem. Depois trataremos dos estudos, e d'essas couzas todas.

Esta prova de confiança socegou a inexoravel velha, que me deitou um olhar de triumpho, como já contando ver-me nas garras, e meu tio por uma estrategia bem pensada, sacrificou-me em holocausto, no altar da tranquillidade domestica, ás caprichosas birras de Felicia.

Levou-me para uma agua furtada cheia de livros e trastes velhos, onde mal podia andar de pé e onde me disse que devia ficar, recomendando-me que não mechesse nos livros de meu tio nem destruísse a minha mobilia. Esta consistia n'uma cama de barra, duas cadeiras, uma

meza coxa, um bahu e um lavatorio; trastes todos antidiluvianos, e que figuravam sem vergonha n'um gabinete de raridades.

Mal fechou a porta dei-tei-me sobre a cama a chorar: as recordações todas da minha terra tornaram-se-me mais dolorosas. Depois socegando pouco a pouco comecei a inspecionar o quarto, e n'esta revista deparei com um tinteiro papel e pennas, que foram come um thezouro do céu.

Comecei a escrever a minha mãe e a Maria, e á medida que as cartas cresciam, iam as saudades diminuindo, attenuadas por aquella expansão, e por se me affigurar que estava fallando com as pessoas a quem as dirigia.

Assim passei alguns annos na companhia de meu tio. Escusado é dizer, que não tinha outra distracção senão a escola, e que o provinciano conservava-se quasi no mesmo estado, em que viera da Provincia. Os meus companheiros das aulas, zombavam da minha innocencia, e eu evitava a sua companhia para fugir aos seus gracejos. Em paga, entregue ao estudo e aos livros, lia com ardor e trabalhava com affinco.

Meu tio á medida, que percebia os meus progressos ia-me communicando o fructo de seus estudos e deixando-me ver as suas boas qualidades e virtudes. Apesar da sua apparencia rude, era meu amigo deveras, e tambem do mesmo modo lhe retribui sentindo com verdadeira magoa, a sua falta.

Estava em ferias do penultimo anno do meu curso quando elle morreu: deixava-me os seus livros, um pequeno peculio e recommendava-me ao mesmo tempo, que cuidasse da velha; porém esta apenas elle cerrou os olhos saíu, declarando que ia viver das suas economias.

Irresoluto, e sosinho resolvi aproveitar as ferias para visitar meu pae e minha mãe, e tambem para tornar a ver aquelles logares onde passara os primeiros annos de creança. Concorria em grande parte para esta resolução o não ter recebido noticias de Maria, cujas correspondencias, espaçando-se cada vez mais, tinham deixado de apparecer nos ultimos mezes. Nas suas cartas ultimas notava-se uma certa differença, e quasi como frieza de que tambem desejava receber explicações. Assim puz-me a caminho e em poucos dias pude abraçar meu pae e minha mãe a quem participei para esta decisão, e que anciosamente me esperavam.

Em poucos annos muitas mudanças se tinham operado, e aquelles logares tomavam todos para mim um aspecto diverso. Meu pae estava doente e quebrado de forças, minha mãe ralada pelas saudades do seu filho, angustiada pela doença de meu pae parecia outra, e a velha Gertrudes havia um anno que tinha morrido. A desgraça passando por aquelles logares tinha-se demorado ali mais do que o costume.

De tarde dirigi-me para avivar recordações á fonte dos suspiros; mas ali tambem tudo tinha mudado de aspecto. Parte d'aquellas arvores tinham sido destruidas. Uma estrada recentemente aberta tinha mutilado: aquelles prados e aquellas vinhas; e as aguas da fonte conduzidas por um canal iam alimentar uma fabrica, que havia pouco se tinha estabelecido.

A civilização ali tinha deixado vestigios seus, tinha melhorado as condições d'aquelles logares, tinha espalhado com mão prodiga os seus beneficios; mas em compensação tinha-lhe destruido a poesia, e levado para bem longe as minhas memorias de infancia.

Procurei noticias de Maria, mas ninguem m'as sabia dar ao certo. Sua mãe tinha morrido, e tempos depois, a pobre orphã desaparecera, sem que se soubesse que destino tomara. As velhas praguentas do logar fallavam de um certo official, que para ali viera destacado, e que muitas vezes se encontrava com ella; porém contos de velhas, demais a mais tidas e havidas por maldosas, quem os havia de acreditar? Eu, que suppunha Maria um anjo dos céus! Mais facil fora renegar da existencia da virtude na terra.

O estado de saude de meu pae que peorava a olhos vistos e cujos progressos eu receava, fazia com que desejasse não o abandonar; elle porém que percebeu os meus projectos chamou-me ao seu quarto, e obrigou-me a seguir o curso com estas palavras, que ainda me lembram porque foram as ultimas que lhe ouvi.

—Filho, a minha molestia não é tão grave como parece, e a tua demora far-me-hia peorar em vez de me trazer melhoras. Desejo ver-te em breve homem e com meios de amparar tua mãe. Só o podes conseguir estudando. A experiencia curou-me dos meus loucos preconceitos; esta epocha é diversa das que a precederam. A aristocracia, a riqueza, a consideração social está no trabalho e no estudo, elles só dão foros de fidalguia, os seus pergaminhos só é que têm valor.

Queria interromper-o, porém, reclamando attenção, proseguio da seguinte forma.

—Assim, meu filho, um anno perdido é um grande cabedal malbaratado. Não comeces fazendo prodigalidades, porque te arriscas a acabar na miseria. Estuda, trabalha, e consegue dar maior nobreza ao nome de teu pae, acrescentando-lhe o lustre da sciencia.

Lembra-te sobretudo que se eu faltar serás o unico arrimo de tua mãe, e que se não estiveres em estado de a sustentar não terá a pobre viuva ninguem mais, que a proteja...

No dia seguinte partia para Lisboa, annos antes era a creança sem experiencia e sem magoas, que ia procurar o desconhecido; agora o mancebo experimentado, quer

dizer, já tendo soffrido desgostos e provações, que ia com a alma atormentada proseguir no Gethsemani da vida.

Entrava n'um periodo novo da minha existencia. Principiava a saber o que eram soffrimentos, começava a ser homem. Esta transição rapida, para que não estava preparado, produziu-me um effeito extraordinario. Sentia-me aturdido e para me distrahir tractei, apenas chegando a Lisboa, de conhecer os seus divertimentos e prazeres, que me tinham sido prohibidos em vida de meu thio.

Como apparecia com algum dinheiro, não faltou quem officiosamente se declarasse meu amigo e desejasse servir-me de guia. A maior parte destes desapareceu ao cabo de alguns dias, depois de me terem extorquido uns pintos, porem um delles, mais affeioado seguiu-me por muito tempo até que conhecendo-o bem, tratei de me livrar da sua má companhia.

Era um cavalheiro de industria, e dos mais finos. Raro era o dia, em que a sua companhia me não custava dinheiro, porem fazia-o sempre por tal forma que eu nem de longe me apercebia de que estava sendo burlado.

Hoje era a bolsa que lhe esquecia; hontem uma viuva de um camarada seu, porque era militar, quem lhe levára o resto do dinheiro; amanhã um amigo, que lh'o pedia, ou uma compra, que desejava fazer. Escusado é dizer, que nunca mais recebia o que lhe emprestava, mas tinha em paga maneiras tão desinteressadas, fallava em moedas com uma indifferença tal, e alludia como por esquecimento, a grossas quantias, que nunca mais recebera, mas sem lhe dar maior importancia, que eu suppunha estes empréstimos e descuidos cousa naturalissima entre pessoas da alta sociedade. Depois ninguem, melhor do que elle, encontrava expedientes, e recursos para passar o tempo; ninguem sabia melhor planear distracções e conduzir-me pela estrada dos prazeres; deixando-me sempre fazer de Amphitrião, para me obzequiar, e para, segundo dizia, me fazer passar por alta personagem. Era com elle que apparecia em toda a parte, em sua companhia foi tambem, que se deu o caso seguinte, que tão importante se tornou na minha vida.

Continúa

R. PAGANINO.

#### A AMIZADE.

A \*\*\*

Já farto da vida dos annos na flor,  
O peito me ralla pungente saudade;  
Trahido nas crenças, trahido no amor,  
Meu canto recebe celeste amizade.

Poeta e amante, eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal,  
Quando terna outr'ora a mulher que eu amei  
A mim me jurára ser sempre leal.

Ó tu meu amigo, permite que um pouco  
A fronte recline n'um peito d'irmão;  
Enchuga, se podes, o pranto do louco  
Que em paga de affectos só teve a traição!

Em tempos felizes, n'um dia formoso,  
Na relva sentados, bem juntos, unidos,  
No peito encostado seu rosto mimoso  
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!

Ai! crente eu beijava seus labios corados  
Com beijos ardentes, com beijos de amor,  
E Laura jurava que quando apartados  
Viver não queria, morreria de dor!

Partir foi preciso... abracei-a chorando....  
E Laura chorou!... eu de dor solucei...  
Mas tempos depois que contente voltando  
Julgava beijal-a, já não a encontrei!

Mulher enganosa, quebraste essas juras  
Que em prantos me deste diante de Deus!  
Mas tu não te lembras que as faces impuras,  
Que os labios corados roçaram os meus?!...

Poeta e amante eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal...  
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,  
Como flor tombada por um vendaval!

Errante vagando por vales sombrios  
Co'a mente em delirio, em cruel anciedade;  
A morte buscando nas agoas dos rios,  
Me disse uma voz: inda resta a amizade!

«Esquece esse fogo, esse amor, um delirio  
«Que aqui te cavava profundo jazigo;  
«Ao mundo de novo, termina o martyrio,  
«A fronte reclina n'um peito de amigo.»

—Ao mundo voltei, esqueci os amores  
No peito apagando uma forte paixão;  
Agora a amizade mitiga-me as dores,  
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!

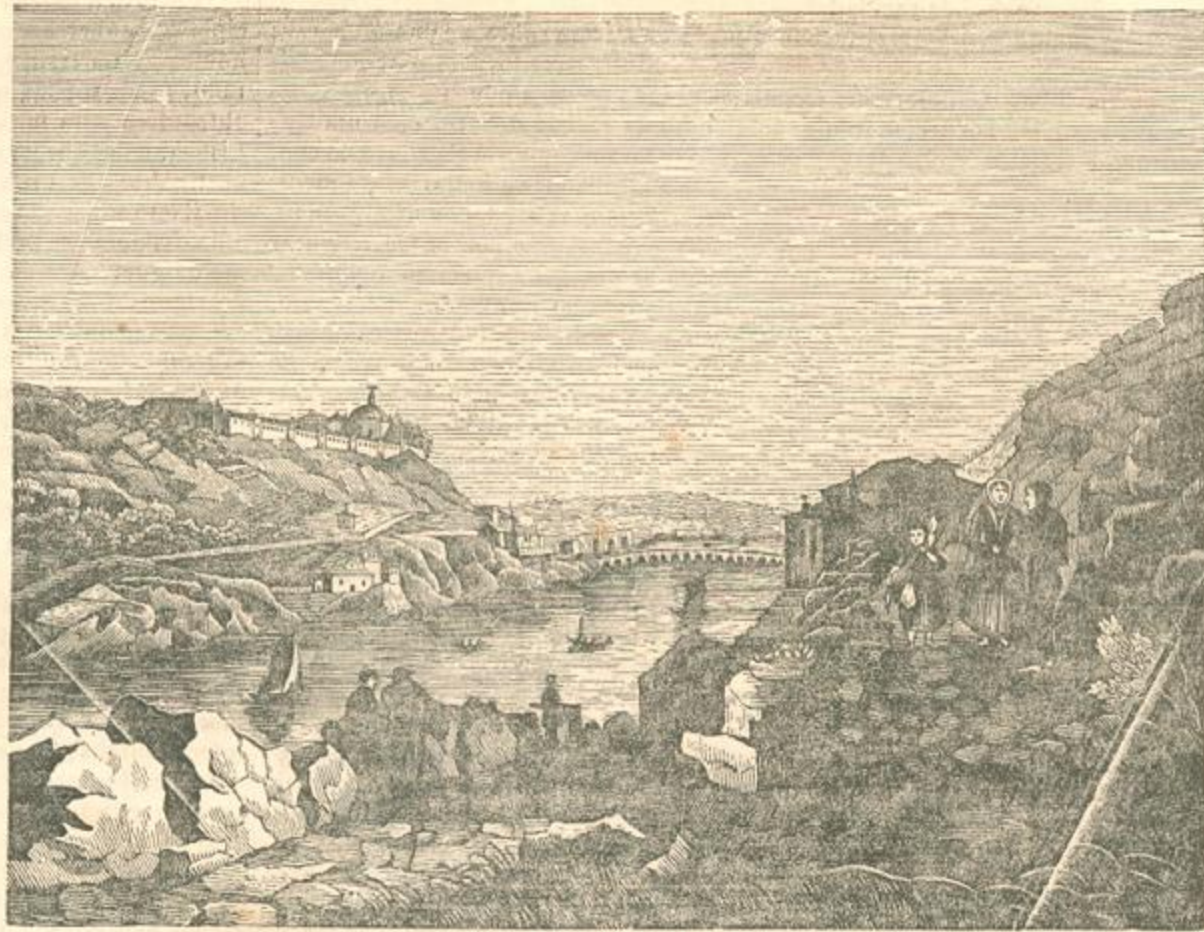


PRINCIPAL MESQUITA DE  
SERINAGOR.

O valle de Kashmyr, ou Cachemira como vulgarmente dizemos na Europa, é costeado ao sul e a este por uma das principaes ramificações da assombrosa cordilheira do Himalaya, e ao norte e ao poente tem as montanhas do Thibet cobertas de neves perpetuas; o seu maior comprimento andarà por 25 leguas, e 8 a 10 largura media. O aspecto é o mesmo que o de todos os grandes valles dos Himalayas; solo plano, muito bem abrigado, fertilissimo, produzindo em grande abundancia e geralmente de boa qualidade as fructas da Europa, a saber, peras, maçãs, damascos, pecegos, ameixas, uvas, melancias, marmellos, nozes, avelãs, etc: os trigos e arroz, aveia, açafrão, colhem-se em quantidade mui superior ao consumo do paiz; todos os elementos concorrem para fazer esta região mui rica; infelizmente por muitos seculos governos infames a tem abatido e arruinado; tirar ao povo quanto dinheiro pode por todos os meios imaginaveis, pela brandura e violencia, ou a traição, tem sido ha seculos e ainda é hoje o principio do governo do reino de Cachemira.

Toda aquella immensa planicie é perfeitamente regada; um dos principaes afluentes do Indo atravessa-a em quasi toda a extensão ao comprimento; nascendo na extremidade sudoeste do valle e correndo para o nordeste; em Cachemira volta para leste e entra nas serranias em Baramula convertendo-se em torrente impetuosa: desde Islamabad até Baramula é perfeitamente navegavel e o sulcam infinidade de barcas. O valle parece ter sido todo elle em tempos remotos um grande lago; os habitantes conservam muitas lendas curiosas relativas ao enxugamento e secca do terreno; dizem que um de seus padres á força de rezas conseguiu separar as montanhas em Baramula e abrir larga passagem á agua que então por ali se escoou, ficando o chão secco e fecundo como é agora. Todavia não se pense que é de todo enxuto, pois que existem muitos paues e tambem lagos, como o que fica por detraz de Cachemira, e terá 8 milhas de comprido e quatro de largo, sendo em muitas partes pantanoso, quando outros, ao contrario, encerram aguas cristalinas, de tão admiravel limpidez, que reflectem como em espelho as altas montanhas cujas raizes banham.

A cousa mais curiosa do lago de Cachemira é a multidão de ilhotas fluctuantes que por elle divagam; são pequenos talhões de terra, de tres até cinco braças de largura, que andam soltos no meio do lago, separados por meio de canesinhos de quatro a cinco palmos de largura, quanto baste para dar passagem a um bote em que vão os que cultivam aquellas hortas. Ignora-se a epocha da formação das mais antigas, mas ainda hoje se fazem do seguinte modo; os naturaes tecem um esteirão grosso feito de juncos do lago, cobrem-no com uma porção de terra vegetal, poem outra esteira por cima, deitam-lhe outra camada de terra, e depois outra, e assim umas poucas prendendo entre si todas as esteiras



O rio Douro.

até á grossura de um palmo; ahí tem formada a ilhota, que se torna uma horta fluctuante sem mais trabalho do que semear legumes e pevides de melancias, que depois se colhem em abundancia e quasi sem cultura. Como em nenhuma parte são fixas, nadam no lago á mereç dos ven-

infinitamente pittoresco, rarissimos são os edificios de pedra.

O estrangeiro custa-lhe a habituar-se á falta d'aquelle fausto e riqueza que se encontra em todas as demais partes da India. Porém, se Cachemira é hoje uma cidade de

barracas, numerosas ruinas attestam que nem sempre assim foi; vêem-se misturados, confundidos, destroços de monumentos indios de todas as epochas; capiteis, troços de columnas, frisos, acham-se em pilhas e obstruem a corrente do Jheelum, que não obstante ser pouco rapida em tempo ordinario, engrossa ás vezes crescendo duas varas e mais n'uma noite, e convertendo-se em torrente impetuosa. Canalisado dentro da cidade com duas enormes muralhas de pedaços de pedra de todas as formas, o rio percorre uma extensão não pequena até ao lago.

Os terremotos violentos e muito amiudados tem por vezes destruido toda a cidade; é precisamente para evitar semelhantes accidentes que ha muitos annos não se edificam senão casas de madeira.

A maioria das ruinas de Cachemira são tumulos, e o que está em melhor estado de conservação consta d'um grande torreão octogono, fechado por um immenso zimbório, com torrinhas nos quatro angulos rematadas com pequenas cupulas, tudo construido de tijolo, e ornado com algumas bonitas esculpturas; antigas inscrições indicas denotam ser o mau-soleu d'um rei musulmano que vivia ainda em 1422.

Outra ruina assás interessante é a mesquita de Shah-Jehan situada entre o rio e o forte Purbot sobranceiro á cidade: o interior d'esta mesquita faz lembrar muito as de Cairo tendo os forros dos tectos guarnecidos de flores pintados de cores vivas, e as paredes cobertas de immensas inscrições persas. Foi longos annos a principal mesquita de Cachemira, e actualmente acha-se substituida pela de Shah-Hamadan, obra de madeira, erecta á borde



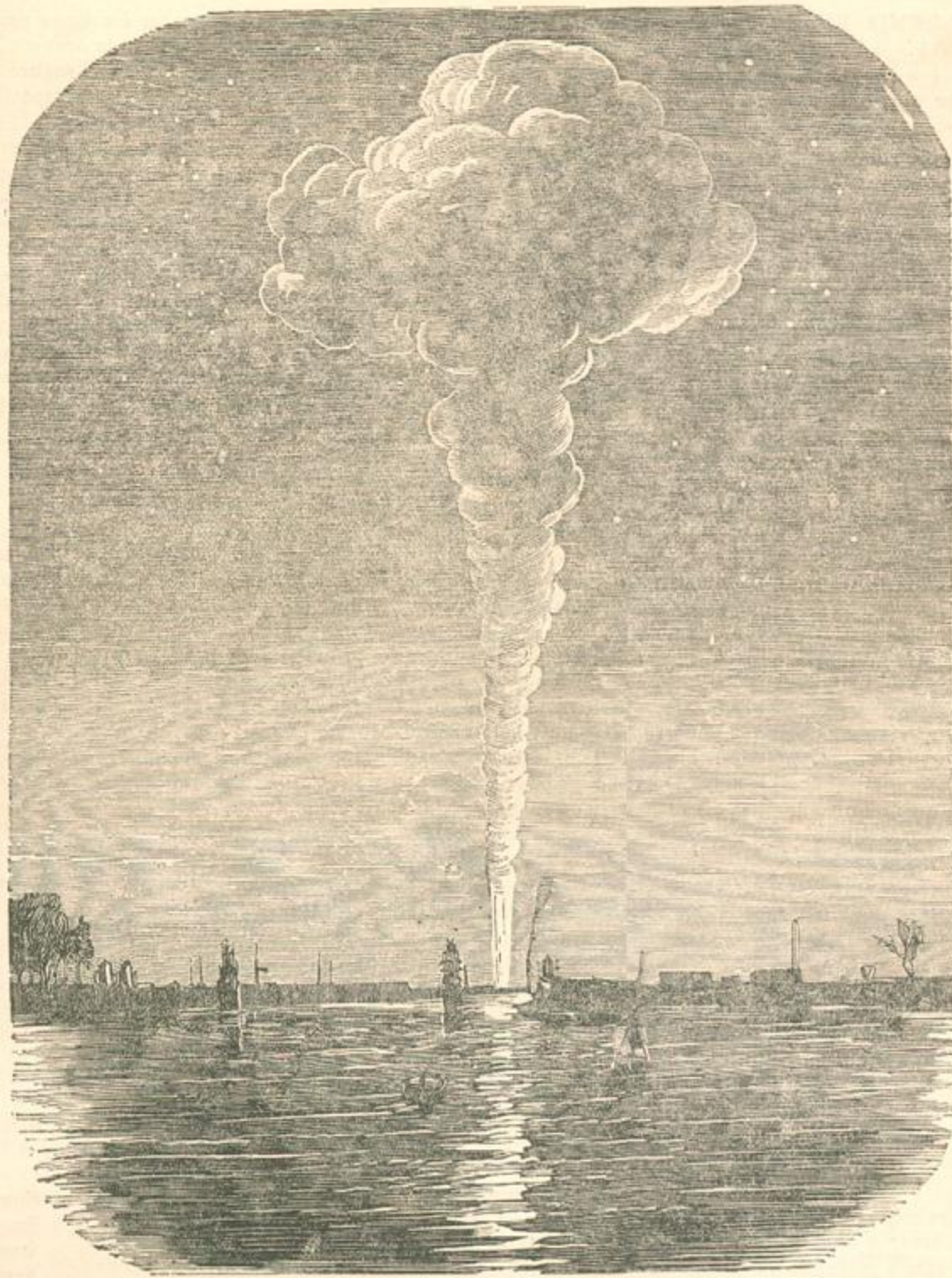
O campo de feao.



do rio, é tão pobre por dentro como por fóra, sem cousa que recorde as antigas construcções dos musulmanos nas Indias, salvo algumas esculpturas, porém de estylo tão degenerado que é mais indio de que mourisco. A par e com frente para o rio está outra pequena fabrica, que é um templo indio, edificado ali por algum fanatico, adorador do sol, de proposito para fazer pirraça aos musulmanos.

O forte de Sher-Gari em que está o palacio do rei tem uma das frentes tambem para o rio, os outros lados são defendidos por fossos de 6 varas de fundo e dez de largura. O mesmo forte é em parte ocoado por bazares immundos e infectos, e que comtudo são os mais importantes de Cachemira. Além do palacio de Ghoolab-Sing, actual reinante, abrange aquelle recinto os quartéis de artilheria e de infantaria.

O tal chamado palacio é um aggregado de barracas quasi tão enxovalhadas como as do restante da cidade, e sem riqueza de ornatos interna ou externamente. É a cousa mais mesquinha que pôde imaginar-se, e todavia não por falta de dinheiro, porque Ghoolab-Sing possui um opulento thesouro, e as rendas e impostos entram directamente nos seus cofres para nunca mais saírem; pilhar quanto pode, não dar cousa alguma, é a sua divisa; conhecendo-se-lhe a extraordinaria avareza para si e para os seus, não é de admirar que resida n'umas barracas que na Europa ninguem quereria para cavalharias. À direita na extremidade do norte ha um pequeno templo indio, uma especie de ermida de marmore branco com sua cupula de chapas de cobre fortemente dourado, é a obra unica mandada fazer pelo maharajah ou rei actual; da parte detraz fica um posto alto, onde á noute se pendura um lampião, que é toda a despeza que o soberano faz com a illuminação da sua capital. Esse mesmo palacio, principalmente o corpo do lado esquerdo acha-se em gran-



Incendio da estação do caminho de ferro em Vauxhall.

de parte destruido pelo incendio que o devastou no anno passado.

M.

QUADROS INGLEZES.

Continuando a serie das pinturas da nova eschola britanica, damos o transcripto de uma, que se intitula: «O campo de feno», do pincel fecundo de M. J. J. Hill; é uma composição singella e elegante, de execução um tanto ligeira, mas de bom e correcto desenho, onde se nota o modo natural do rapazinho que pretende retirar a irmã do lado de um mancebo que a requesta; as attitudes são bem expressivas.

M.

Nos annos que eu assisti na cidade de Huè, corte da Cochinchina, havia alli uma companhia de comediantes, que todos eram bugios d'aquella especie que mais commumente se chamam macacos, e costumam vir de Angola e de outras partes de Africa. Estes, tendo-lhes cortado as caudas, e feito vestidos e mascaras conforme ás pessoas que haviam de representar, e industriados pelo seu mestre nas acções, logar, tempo, e modo, que haviam de observar, começavam a comedia ou entremez logo que se lhes dava signal para saírem ao theatro. Nelle tocavam instrumentos musicos, dançavam ao compasso, pelejavam com diversas armas, e o que mais é fingiam com maravilhosa imitação as acções humanas e o caracter proprio daquellas pessoas de que faziam a figura: do soberano imitavam a gravidade, do soldado a resolução, do creado a diligencia, do criminoso o temor, do parasita os obsequios, e com mais propria naturalidade as macaquices do bobo.— Padre João de Loureiro. *Exame physico e historico.*



Mesquita de Serinagor.



## DISCURSOS DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Segundo nos consta, appareceu emfim uma proposta para que os novos socios da Academia Real das Sciencias sejam obrigados a fazer e recitar um discurso, pela occasião solemne da sua recepção academica.

É esta uma pratica seguida em quasi todos os institutos scientificos e litterarios de França, Allemanha, Italia, Inglaterra, Belgica e até de Hespanha, e na mór parte delles dês que foram inaugurados.

Foi um uso determinado nas leis da sua criação, por ser julgado verdadeiramente consequente, derivado e demonstrativo da especialidade e fins de taes instituições.

Só em Portugal ainda até hoje não foi percebido o alcance desta formalidade, neste seculo principalmente, em que a palavra é um dos mais poderosos elementos da iniciativa politica, e o meio cujo influxo se revela e é reclamado em todas as condições da sociedade activa e illustrada.

No entanto, nesta terra nativa e abençoada para as mais impertinentes ejaculações da loquacidade, terra onde um deputado pede a palavra e falla gravemente tres dias em finanças, e um par ora nove sessões sobre as prerogativas da coroa; nesta terra, pois, tão prodigamente dotada de tendencias palreiras ainda este prurido oratorio, esta *vis palrantis* não havia sequer excitado a loquella dos nossos academicos.

E isto não admira se considerarmos debaixo de que influencias e sob que circumstancias especiaes foi creada e tem subsistido a Academia.

A Academia, ainda até ha pouco, era uma reunião de homens eruditos, e até alguns de incontestavel sciencia, mas que, mais dados ás silenciosas meditações do gabinete, mais recolhidos nas lucubrações que concentram e absorvem o espirito na analyse e investigação dos segredos da natureza ou dos pontos obscuros da historia, guardavam nas sessões academicas quasi o mesmo silencio, a mesma gravidade circumspecta e tacita que por toda a parte os devia seguir na laboriosa tarefa das suas excavações litterarias.

O academico antigo era moldado pelos preceitos e inspirações do antigo regimen. Nelle reflectiam todas as regras da etiqueta palaciana, e toda essa solemnidade de bofes e espadim á cintura, que revela a velha monarchia nos seus dias de preponderancia social.

O academico antigo authenticava mais o valor do seu diploma com a elevação de uma cabelleira sobrecarregada de tres ordens de bucles, ou com o lavor e esmalte primoroso da sua caixa de rapé, do que com a profundidade das theses desenvolvidas nas suas memorias.

Como essas edades do systema absoluto, inspirava-se de uma importancia tradicional, representava o *statu quo* na sciencia, e symbolisava a tyrannia dogmatica nos alvitres e citações eruditas de seus opusculos.

Era por isso que ao academico antigo nunca lhe deu para fazer discursos publicos. Os discursos de recepção constituíam a parte principal de uma solemnidade que subentendia a publicidade, e a publicidade trasia consigo a critica da opinião publica; e o academico, nascido e educado sob a influencia do regimen absoluto, e entregue a si e aos seus arbitrios, como este systema politico debaixo de que nascêra e fôra vegetando, não podia resignar-se de maneira alguma a condições que lhe invertiam os seus habitos de vida e o submettiam a poderes que a sua vontade desconhecia e até desprezava.

A publicidade! Pois o academico precisava da publicidade senão para as suas memorias, mas depois de já impressas e brochadas a expensas da Academia?!

O academico era uma faisca do *fiat lux* da sciencia. Em seus escriptos, nas suas indicações, cumpria acceital-o como um oraculo; não podia ser discutido, nem duvidado. Era ponto de fé o a creditar-o sob a auctoridade veneranda de seus pergaminhos litterarios.

Era por isso que a critica para elle se apresentava como uma temeridade sacrilega, ousada, contra aquellas cans scientificas que accumulavam o gelo de quarenta ou cincuenta janeiros, todos consagrados em enriquecer a collecção ornithologica de qualquer museu com o descobrimento do verdadeiro *turracus albus*, ou em brindar a sciencia botanica com uma especie mais da familia das acotyledoneas.

Hoje, porém, a Academia, pela substituição de antigos por novos socios, tende a uma transformação completa.

O motto academico já não é a palavra INFALLIBILIDADE, como nos antigos tempos; agora discute-se; ventila-se e controvertem-se as questões.

As sessões já não constam da leitura soporifica de uma ou outra memoria em que este ou aquelle socio, revolvendo o pó de vinte seculos e pondo em alboroto dez bibliothecas, descobria emfim que S. Jorge era um santo apocripo, ou que San' Thiago nunca pozera o pé em Compostella.

Actualmente a Academia comprehende melhor a sua missão, e cura de se aproximar das tradições e exemplos dos institutos litterarios dos paizes onde elles são os verdadeiros areopagos das intelligencias, consagrados pelos seus estudos e lucubrações a dirigir e illustrar as tendencias da mocidade, votada ás diferentes e difíceis veredas das letras.

Hoje os socios não escrevem tanto, não ha duvida; os

annaes da Academia não abarrotam já com as dissertações massudas de uma erudição indigesta: mas em paga desses longos escriptos, desses acrosticos do bom senso que viam a luz da estampa para irem morrer logo sepultados no esquecimento das livrarias, trata-se de estimular e proteger escriptores notaveis para que obras, verdadeiramente perduraveis pela sua valia social e philosophica, vão ao cabo com applauso do mundo letrado e honra para o paiz.

Basta só citar os esforços da Academia, no que diz respeito aos trabalhos historicos do sr. Alexandre Herculano, para dar uma idea da natureza e utilidade dos intuitos que hoje animam aquella corporação, onde se acham reunidas muitas das illustrações nacionaes.

Esta alliança da Academia com o maior monumento litterario que Portugal tem produzido nestes ultimos annos, é um titulo memoravel que lhe marca um periodo auspicioso para as sciencias moraes e historicas.

Representada presentemente por talentos que se inspiram das verdadeiras idéas de illustração, a Academia não podia por consequente deixar de obedecer a uma condição, que proporciona muitos dos mais solemnes e demonstrativos triumphos de illustração á sua historia. As recepções solemnes serão adoptadas, e com ellas os discursos publicos.

A serie de discursos de admissão, pronunciados pelos diferentes sabios e litteratos que successivamente tem ido tomando assento na Academia franceza, ou na Academia de Inscrições e Bellas letras, forma os mais preciosos e authenticos annaes destes estabelecimentos, destinados a manter as boas tradições da litteratura nacional e a estimular os engenhos que mais tarde devem vir ali receber a corôa da sua dedicação ás letras e do seu entusiasmo pelo estudo, primeira vocação e esclarecida preferencia dos talentos que não morrem.

Estes discursos não são a manifestação ostensiva e factua da erudição academica, nem o desempenho da simples formula de uma recepção solemne; são muitas vezes o melhor estudo biographico de um grande vulto litterario, e quasi sempre a apreciação philologica e por vezes a critica do influxo de uma certa ordem de aspirações sobre um determinado periodo da sociedade activa.

A historia das diferentes transformações porque tem passado o espirito e imaginação em França, nos ultimos dois seculos e meado deste, analisa-se, confronta-se, encontra-se mais exemplificada e symbolisada nos grandes talentos que a promoveram e illustraram, em todos os discursos proferidos na Academia franceza desde Richelieu até hoje, do que mesmo talvez nos proprios estudos criticos de Cousin, Nisard e Villemain.

Ainda não ha pouco este ultimo, como secretario da Academia franceza, por occasião da recepção de Mr. Emile Augier, fazia um dos mais eloquentes e verdadeiros quadros das aspirações e incertezas por que tem passado a França e a Europa inteira, nesta epocha em que os grandes movimentos dos povos e competencia das nacionalidades apenas tem deixado ouvir, como um canto de conforto soltado do seio das ruinas, como um gemido de amor e saudade saído da desolação universal, esses protestos da intelligencia foragida, que o turbilhão das necessidades da guerra ou a vertigem das tendencias materialistas, não tem conseguido abafar de todo.

É como um capitulo da historia contemporanea, apreciada de toda a altura das esferas litterarias pela palavra elevada e colorida de verdadeiro atticismo do auctor do *Cours de Litterature*, talvez aquelle que mais se inspira hoje das bellas idades da litteratura grega e latina.

E era realmente um absurdo inexplicavel ver ahí o nosso primeiro instituto de letras, sempre mudo e encerrado aos olhos do publico illustrado, passando em silencio fradesco as occasiões mais solemnes da sua existencia, não dando signaes de vida senão pela rara e magra exhibição das suas actas, como que renegando dos intuitos e fins que actuaram á sua erecção, e oppondo-se pelo systema de uns estatutos anachronicos ao espirito de publicidade e ás demonstrações eloquentes da palavra, que formam actualmente a condição mais caracteristica e indispensavel da sociedade presente.

As recepções dos socios, até agora, eram feitas á *capucha*. Nem um indicio, nem uma formula que indicasse que mais um homem eminente pelos seus monumentos de saber ou pelos dotes esperancosos de uma intelligencia brilhante, ia augmentar a lista já longa, e por vezes gloriosa, dos membros da Academia.

Estes dias, que deviam de ser de verdadeira festa para aquella casa, passavam-se triviaes e monotonos como todos os outros do seu existir.

Discursos de recepção nunca os houve, nem mesmo houve quem se lembrasse de que esse uso constituia uma condição consequente com os designios de impulso e exemplo sobre todos os ramos de illustração que presidem á criação de semelhante natureza de assembléas, e que a sua pratica offerencia ensejo lá fóra a muitos dos melhores triumphos da apologia consagrada aos verdadeiros dons do engenho, e do reconhecimento e do dever pelos genios que allumiaram a sua epocha com o facho inextinguivel de obras immorredouras.

Mas esta lacuna essencial na existencia da Academia vai p-rém ser preenchida. Hoje as cadeiras academicas estão, na maxima parte, occupadas por homens tão notaveis nas diversas manifestações da sciencia e das letras, como nas lides da palavra. A eloquencia parlamen-

tar é sempre um fecundo tyrocínio para todos os exemplos da oratoria, e n'este ponto o governo representativo é o mais seguro incentivo e aquelle que abre mais brilhantes perspectivas ás demonstrações do talento pela expressão oral.

Debaixo d'este aspecto, a Academia vai abrir uma nova epocha nos seus fastos.

O que desejamos agora é que a proposta feita passe quanto antes a ser lei entre os mais artigos dos estatutos academicos. As sessões inauguraes ou commemorativas tambem se deve dar uma nova fórma, mais conducente com a natureza das tendencias litterarias da epocha, e que sobretudo dê uma idéa mais favoravel da cathogoria da nossa primeira instituição de letras.

São condições quasi correlativas, a que se não pôde fugir, dados os primeiros passos.

ANDRADE FERREIRA.

N...

Bem sei que por mim perdida,  
Nunca mais minha serás;  
Mas perdida ficarás,  
Que outro amor na tua vida,  
Como esse que occulta mão,  
Te accendeu no coração,  
Nunca mais o sentirás.

Aquella expressão radiante,  
De innocencia e de ventura,  
Que brilhava em teu semblante!  
Aquella infantil frescura  
De todo o teu ser, perdida,  
Para sempre, desde o instante  
Dessa vil paixão mentida,  
Que á falsa fé te jurei,

.....  
Oh! não ha perdão no ceu,  
Para crimes taes que o meu,  
Oh! não ha, bem sei, bem sei.

Setembro de 1855.

BULHÃO PATO.

## VERSOS DEDICADOS ÀS SENHORAS QUE DIRIGEM OS AZYLOS DA INFANCIA DESVALIDA.

Como avezinhas implumes,  
Engeitadas nos seus ninhos,  
Deixa a sorte os pobresinhos,  
Sem lar, sem pão, sem carinhos  
De maternal coração.  
Escutando os seus queixumes,  
Compassiva a Providencia,  
Volve os olhos á innocencia,  
E em sua eterna clemencia,  
Dá-lhes lar, ensino e pão.

Mais vivos torna os desejos,  
No seio da caridade,  
Que á desvalida orphanade,  
Vão com sincera piedade,  
Inundar de puro amor;  
Amor, que em candidos beijos  
Suavemente procura,  
Dar conforto na amargura,  
Aos que fez a desventura,  
Orphãos, no berço e na dôr!

E quem busca a Providencia,  
Para amparar o destino,  
Do que pobre, e pequenino,  
Se encontra sem luz, sem tino,  
Logo no mundo ao nascer?  
Anjos de terna clemencia,  
Que onde existe o soffrimento,  
Correm, voam n'um momento,  
A dar todo o sentimento,  
Que taes almas sabem ter.

São ellas mães, são esposas,  
E recordando os carinhos,  
Que tiveram seus filhinhos,  
Não podem ver pobrezinhos,  
Sem amor, sem lar, sem pão!  
No berço desfolham rosas,  
Onde espinhos só havia,  
E o sol de meiga alegria,  
Já de affectos allumia  
Seu infantil coração:

Salve pois, oh! caridade,  
Que assim abres o teu seio,  
Ao que fraco, e sem esteio,  
Á luz deste mundo veio,  
Para viver na afflicção!  
Salve casta divindade,  
Terna irmã da desventura,  
Que os espinhos da amargura,  
Convertes á creatura,  
Em flores de gratidão.

Maio de 1856.

BULHÃO PATO.



## O RIO DOURO,

O Douro, no seu curso, atravessa a provincia, talvez, mais importante de Portugal. Umaz vezes, corre, socegado, pelas campinas verdejantes; e, regando-as, fertilisa o abençoado torrão por onde passa;—outras vezes, precipita-se, soberbo, por entre escabrosidades, e arrasta consigo quanto se oppõe á sua impetuosa corrente!

Admiravel poder de Deus!

Quem pensa nos innumerables beneficios que resultam do brando correr d'um rio, que, serpando, vaee enriquecer o solo que invade; quem pensa nos immensos desastres que se seguem da orgulhosa corrente, que, bramindo, esterilisa, momentaneamente, os terrenos que alaga;—quem considere n'isto, dizemos, não pode deixar de admirar a força maior, o poder supremo que, em seu alto saber, assim o decreta!

Por um rio, que de esperanças que nascem! que de esperanças que morrem!

O seu curso traz ao homem a esperança ou a desolação, o prazer ou o desgosto, e quantas vezes tambem a vida ou a morte!

Esquecíamos o objecto de que tratavamos.

O Douro, ainda que não é tão rico d'agua como o patrio Tejo, tem a corrente muito mais poderosa. Não possuiue ribas tão lindas como o Mondego; mas em compensação beija a cidade da Virgem, a mais rica, a mais formosa das cidades do norte do reino, e espreguiça-se, indolente, por duas provincias, uma das quaes é chamada o jardim de Portugal.

O Douro tem paisagens em que se lhe não assimilha nenhum dos outros rios de Portugal. A nossa estampa representa uma d'ellas nos arrabaldes do Porto.

Este rio, cantado por muitos poetas, antigos e modernos, torna-se celebre pelo precioso licor conhecido pelo nome de *vinho do Porto*. As vinhas, que o produzem, são banhadas pelo Douro; e esse producto constitue a principal riqueza, e o principal commercio d'aquellas provincias.

A nossa historia commemora nas suas paginas essas terras.

Nasceu lá a monarchia; lá batalhou-se pela fé; e em nossos dias, nas deploraveis luctas civis em que temos sido abundantes, e a que devemos uma grande parte da nossa decadencia, os seus campos teem sido alagados de sangue portuguez!

Lancemos um véo sobre estas miserias nacionaes, e façamos votos para que ellas cessem d'uma vez.

## INCENDIO NA ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO EM VAUXHALL.

No domingo 13 d'abril do corrente anno, ás oito horas e um quarto da noite manifestou-se um fogo accidental na estação do caminho de ferro de Londres situada em Vauxhall, e tal foi a rapidez com que se desenvolveu que em tres horas e meia consumiu todo o edificio com seus accessorios que era tudo de madeira, apesar dos esforços dos bombeiros e de promptos soccorros; como o vento soprava rijo da banda do rio Tamisa a conflagração propagou-se atacando algumas casas proximas, do lado do sul; á meia noite estava o incendio atalhado, sem receio de novos prejuizos. Não tendo sido damnificada a linha permanente, pôde ser limpá e preparada durante a noite de maneira que os combos continuaram a correr segundo o costume no dia immediato.

O artista tomou o desenho, que reproduzimos, do ponto de vista que entendeu melhor, isto é do lado opposto á fabrica de pistolas de Colt: olhando para o rio o fogo fazia um effeito grandioso; a multidão da gente concorria n'aquelle ponto.

A pouca distancia está a elegante ponte de Vauxhall, aberta ao transitio em 1816, a qual tem nove arcos de ferro coado, cada um de 78 pés; passa por ser a ponte mais leve deste genero que ha na Europa.

M.

## A FOZ.

Como fallámos do Douro, esboçaremos ao de leve um dos seus mais formosos sitios.

A pouco mais de meia legua da cidade do Porto existe o de S. João da Foz. É assim chamado por causa da freguezia, cujo orago é S. João, e do lugar que occupa no rio Douro, (a foz).

É muito bem situado, e aprasivel quasi sempre especialmente no tempo dos banhos, porque é grande a concorrência a elles, não só dos habitantes do Porto, senão de muitas outras partes do reino, em consequencia da efficacia das suas aguas para bastantes e variadas molestias. S. João da Foz dista, como dissemos, pouco mais de meia legua da cidade, e o tracto pode fazer-se ou pelo rio, ou por uma soffrivel estrada.

O castello que defende a barra tem o nome de *Castello da Foz*, por ser situado na foz do Douro. É celebre pela parte que tomou em todo o cerco do Porto.

S. João da Foz é um sitio importante pela sua população, e como ponto strategico. A freguezia tem perto de 1265 fogos, orçando a sua população por 4500 a 5000 almas, pouco mais ou menos.

O castello foi começado a edificar no tempo da dominação dos castelhanos; mas só se concluiu reinando D. João IV.

A nossa estampa representa-o, e pode por ella fazer-se idéa da sua construcção.

## A EDADE MEDIA, E A IGREJA CATHOLICA.

(Continuação).

## II

A civilização e a barbaridade.—Onde e como nasceu a Edade Media.—O que é ella?—A missão divina da Igreja, e a missão humana.

Assim a Edade Media não tomou o seu ponto de partida n'alguma dessas modificações ordinarias, fructos naturaes e inevitaveis do tempo; mas n'uma revolução completa, n'um transtorno geral, tão terrivel, que nunca o mundo social e politico viu outro que se possa ao menos comparar-lhe. Esta circumstancia que devia tornar impossivel o trabalho da Igreja, se ella fosse unicamente uma instituição humana, fê-lo ao contrario tão maravilhoso e tão digno da nossa mais grata admiração porque mostrou evidentemente que a Mão de Deus obrava por intermedio della.

Havia perto de 5 seculos que providencialmente se havia constituído um poder em Roma, n'aquelle mesmo lugar em que muitos seculos antes se tinha erguido outro sob condições mui diversas, mas ao qual foi dado extender sobre a parte mais activa do Universo a uniformidade de governo, de administração, de força militar, e até de legislação civil: e este poder tinha, pelo meio dessa uniformização, concorrido poderosamente para a propagação da Religião Catholica, o que do contrario e nas condições da ordem puramente natural de sua actividade ser-lhe-ia muito difficil.

Concluida a missão desse poder preparador, teve elle de ceder o lugar que occupava ao poder regenerador que essa religião estabelecera, e que devia ser o benefeitor da humanidade, o salvador e educador da sociedade e o protector e reparador da civilização.

Estabelecido este poder religioso, Constantino, sem uma causa conhecida, abandona-lhe a cidade de Roma, indo estabelecer a sua séde em Bysancio, á qual deu seu nome; como se a Providencia tivesse querido tornar bem evidente que o remedio, que na serie dos tempos havia de tirar dos thesouros de sua Omnipotencia misericordiosa para a salvação e melhoramento da sociedade, por nehumas outras mãos fora, assim como não devia ser, administrado que pelas do successor de S. Pedro, que constituiria cabeça dos pescadores de homens. Se os successores de Constantino tivessem continuado a residir, como os imperadores pagãos, em Roma, ao lado dos Papas, não faltaria quem hoje quizesse repartir com elles a gloria de terem salvado a civilização e a sociedade; e talvez que até não faltasse quem a elles sós deferisse toda a honra desse feito illustre, invejando ainda ao bispo de Roma, e chefe da christandade o quinhão que nesta obra magnanima e providencial, acanhados historiadores não julgassem poder negar-lhe. Esta disposição do querer divino parece ainda mais evidente, quando se vê que, dividido o imperio em Oriental e Occidental, em quanto o primeiro conservava a sua corte na cidade de Constantino, o segundo não se atreveu a ir estabelecer-se onde residiram os predecessores de Constantino, mas deixou o Papa desassombrado na cidade, que agora é que merece o nome d'Eterna, e foi estabelecer em Ravenna a sua corte e o assento do seu poder.

Foi por isto que vimos esses dois factos extraordinarios, que não acham nenhuma outra explicação satisfactoria. Era necessario que a acção da Igreja nesta grande obra de salvação social fosse bem evidente, para que ninguém houvesse que se atrevesse a negal-a com sophismas deslumbradores: cumpria que não podessem facilmente, e com apparencia de razão illaquear-se as almas simples, os ignorantes de boa fé, e os corações sinceros que não podem empregar em investigações historicas um tempo de que precisam para as fadigas da sua vida; e tambem cumpria que podessem com facilidade ser confundidos aquelles que só tem crenças para a mentira; que andam em fanatica e incansavel demanda da falsificação ou da calumnia para enganarem as gerações, e podessem uns e outros ser punidos com o desprezo publico pela sua irracional credulidade para todo o que lisonjeia os seus instinctos de odienta aversão á Igreja de Jesus Christo. E isto só se conseguia tirando todos os pretextos ao erro e ao crime: esses dous factos, que ainda hoje esperam uma explicação puramente racionalista, impossibilitaram esse pretexto, e prepararam esse castigo. Foi por isso que me pareceu opportuno chamar sobre elles a attenção dos leitores, e provocando assim as suas reflexões.

No dia terrivel da invasão victoriosa dos barbaros, a humanidade teria de certo perecido no mesmo naufragio que teria feito alluir e affogaria a civilização e a sociedade, se não houvesse na terra para salvar-as a Igreja Catholica. Supponhamos por um pouco que a igreja não existia, recordemo-nos de qual era o caracter destes povos, inteiramente barbaros, animados pelo ardor da conquista, ávidos, ferozes, e completamente insubordinados, e caindo com violencia sobre uma sociedade que

possuía tudo quanto podia servir de estimulo a suas paixões cubicosas; e seremos forçados a concluir que, se não houvesse a Igreja para protegê-los, os nossos antepassados desta parte do mundo seriam esmigalhados com a violencia do choque, teriam desaparecido da Europa, sem deixarem apoz si mais vestigios do que esses que legaram á historia as tribus, hoje extinctas, da America do Norte, conquistadas pelo protestantismo ou pelo mercantilismo no XVI seculo, e por elle ao principio abastardadas por um systema de corrupção perseverantemente seguido, e mais tarde immoladas a uma fria ferocidade, que acabou por extirpal-as inteiramente da terra que cubria os ossos de seus pais, e as precipitou no abysmo de um total esquecimento. De que lhes serviram esses monumentos, poucos em numero, mas apreciaveis pelo que ensinam, que ainda existem, attestando ainda agora o esplendor que cercava esses povos nas epochas intermedias do X ao XVI seculo, na primeira das quaes faziam os irlandezes com alguns delles um commercio consideravel, e lhes levavam as luzes do Evangelho, e a jerarchia ecclesiastica, estabelecida pelo Salvador e continuada pelos apostolos (1)? De nada: e o mesmo nos aconteceria a nós.

Á mais terrivel provação oppoz a Igreja Catholica o mais magnifico prodigio. Depois de ter prolongado os dias do imperio romano alem do que naturalmente se podia suppor vista a corrupção que o ferira de morte no coração, ainda salvou a sociedade. Recorrendo á oração e ás penitencias com que susteve o Braço do Eterno, e lhe aprou o golpe que devia fazer desaparecer de sobre a face da terra este povo corrompido, já que o não salvou inteiramente do castigo bem merecido, salvou a sociedade e uma parte das instituições que a protegiam. Muitos e mui incontestaveis factos comprovam isto mesmo. Citarei alguns: a cidade de Paris livre dos bandos de Attila pela protecção de (S.) Genoveva, pastora de Nanterre; Troyes poupada aos desastres que lhe estavam imminentes pela recommendação de (S.) Lopo, prisioneiro e escravo d'aquelle barbaço inexoravel; e Orleans defendida pelas orações de seu bispo (S.) Agnano, que trouxeram em soccorro della Aecio, que forçou os Hunos a levantarem o cerco que lhe tinham posto, são a meu parecer exemplos sufficientes para mostrar que não fui temerario no que disse. Na continuação destes estudos veremos que onde os barbaros venceram pelas armas, a igreja venceu estes vencedores pelos sentimentos que lhes inspirou.

Verdadeiro prodigio foi este, que não viram somente os escriptores catholicos, mas que tambem causa a admiração dos protestantes leaes que estudam esta epocha. Assim o diz na sua magnifica linguagem, mr. Guizot, que embora cedendo muito de mais aos seus preconceitos de calvinista, e seguindo com demasiada docilidade o erro a que elles o induzem, conhece-se que se consideraria deshonrado se faltasse inteiramente á justiça que é devida á Igreja Catholica, quando escreve na segunda lição do seu brilhante curso da *historia da civilização moderna* as seguintes palavras, que alguns que se dizem catholicos deviam ler com o rubor da vergonha nas faces:

«Se elle (o christianismo) não tivesse sido uma Igreja, não sei, snr., o que teria sido delle no meio da queda do imperio romano.... Se o christianismo não tivesse sido... senão uma crença, um sentimento, uma convicção individual, pôde acreditar-se que teria succumbido no meio da dissolução do imperio e da invasão dos barbaros. Elle succumbiu mais tarde, na Azia e em todo o norte da Africa, a uma invasão da mesma natureza, á invasão dos barbaros musulmanos'.... Com muita mais razão teria podido acontecer o mesmo facto no momento da queda do imperio romano... É claro que se carecia d'uma sociedade fortemente organizada, fortemente governada, para lutar contra semelhante desastre, para sair victoriosa de um tal furacão. Eu não creio ser exaggerado afirmando que nos fins do quarto, e nos principios do quinto seculo, foi a Igreja christã que salvou o christianismo: foi a Igreja com suas instituições, seus magistrados, seu poder, que se defendeu vigorosamente contra a dissolução interior do imperio, contra a barbaridade; que conquistou os barbaros, que se tornou o laço, o meio, o principio de civilização entre o mundo romano e o mundo barbaço.»

Mas como pôde a Igreja empregar legitimamente os meios humanos, ella que não era o poder, nem tinha a auctoridade civil, para se oppor á invasão, e retardar-lhe ao menos a victoria, já que não podia fazel-a impossivel; perguntarão alguns leitores? Mr. Guizot vai responder: «Os bispos e os clerigos estavam sendo os primeiros magistrados municipaes. Do imperio romano quasi que só restava o regimen municipal. Tinha vindo a succeder, pelas vexações do despotismo e a ruína das cidades, que os curiaes ou membros dos corpos municipaes, tinham caído na desanimação e na apathia; os bispos, ao contrario, e o corpo dos padres, cheios de vida, de zelo, offereciam-se muito naturalmente a vigiar sobre tudo e a dirigir tudo. Haveria injustiça em taxal-os de usurpadores: assim o queria o curso natural das cousas. Sómente o clero era animado e forte; elle veio a ser omnipotente. É a lei do universo.»

(1) A quem duvidar disto, convidamol-o a que consulte o livro *Antiquitates Americanae*, Hafniae, 1837; e mais *Memoirs of the Royal Society of northern Antiquaries*, Hafniae, 1836—39; e *Catholic Missions among Indian tribes of the U. S. 1529—1854*; para desenganar-se



Assim se exprime mr. Guizot; e com quanto o seu trabalho muito se resinta dos erros historicos a que os seus preconceitos de sectario o arrastaram, deve confessar-se que em geral nesta parte são exactas e verdadeiras as suas apreciações.

Os barbaros, que tinham destrocado as hostes armadas pela Igreja, em nome da sociedade abandonada pela auctoridade temporal e ameaçada na sua existencia, para defenderem a patria commum, o templo e o lar; os barbaros não poderam subjugar o effeito das orações que ella não cessava de dirigir ao ceo, e que elles resentiam em si com uma força irresistivel. Marchavam sempre para diante, sempre vencedores das armas humanas; mas vencidos pelas celestes, admiravam-se d'encontrarem uma resistencia invisivel que os dominava sem saberem como, nem porque, e quasi se irritavam contra si mesmos, sentindo que a grandeza, a magestade de culto que viam, e a heroicidade dos seus ministros os sensibilisava por modo tal, que não podiam considerar como inimigos o bispo o padre e o monge que acabavam de vencer. Vestindo as armas, embracando o escudo e empunhando a espada, caminhavam de victoria em victoria, e diante de seus passos crescia a inundação á medida que iam destruindo os diques que se lhe oppunham; mas logo que penduravam o escudo e a espada, crescia em seu peito a inundação de piedade e respeito que causava o terno e solemne espectáculo do culto catholico.

Nos barbaros crescia a confiança, e o valor, e o ardor nos combates á medida que o desalento, o terror e o medo iam crescendo, e apoderando-se da sociedade enfraquecida pelos habitos d'uma longa paz, e mais ainda pela degeneração herdada de antigos vicios accumulados de geração em geração; e já não via diante de si nada neste mundo que podesse salvá-la, senão um fatalismo brutal, que não podia aceitar porque já era bastante christã para se deixar possuir de um sentimento tão estúpido, que foi preciso que os nossos tempos chegassem á depravação em que os vemos para ser arvorado em escola de politica e de philosophia.

(Continúa)

SOUZA MONTEIRO.

### CHRONICA SEMANAL

Mais val tarde do que nunca, diz o rifão; — é portanto debaixo d'este principio tradicional, que tendo nós faltado a semana passada a cumprir a nossa missão de chronista, vamos agora remediar essa falta recapitulando as noticias que era do nosso dever dar.

É uma divida em que estamos com os nossos leitores e vamos pagal-a pedindo perdão do atrazo involuntario.

Contavamos ter ainda de festejar mais duas *soirées* das Larangeiras mas infelizmente recebemos lá a noticia de que a noite de terça feira (10) punha remate aquellas brilhantes reuniões, as mais variadas que existem entre nós. Moços e velhos, matronas e donzellas, todos ali encontravam distracções.

Para uns havia o tumulto do baile, com as suas walsas doidejantes, com as suas polkas freneticas e com as suas contradanças, que para justificar a palavra reduzem-se a certos passeios; para outros havia o entretenimento da comedia e as suaves melodias da opera comica.

Tentaremos fazer uma narração singela d'aquella deliciosa noite.

Sua magestade elrei D. Fernando e sua alteza o infante D. Luiz assistiram ao espectáculo, honrando tambem depois o baile com a sua presença e dignando-se dançar algumas walsas e polkas.

Representou-se o *Caprice* de Alfredo de Musset, desempenhado pelas ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Emilia Krus, Mlle. Detry, e o ex.<sup>mo</sup> sr. Carlos da Cunha. Tanto o nome do author como o proverbio são bem conhecidos para dispensar a analyse. Escripção n'aquelle estylo elegante e facil, espirituoso e correcto do distincto academico, não se pôde deixar de ouvir sempre com curiosidade e applaudir com prazer.

A ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Emilia Krus e o ex.<sup>mo</sup> sr. Carlos da Cunha, executaram os seus papeis como era de esperar; o seu merito artistico é proverbial na sociedade. O que só nos resta dizer, é que confirmaram brilhantemente a reputação de que gozam.

Mas o que deveras nos admirou foi o modo delicado porque Mlle. Detry interpretou o sympathico character de Madame de Chavigny! Ninguem diria que era a primeira vez que se apresentava em scena. Revelou logo verdadeiro talento. Primou tanto na dicção como na justeza das inflexões. O timbre da sua voz é melodioso e presta-se ás differentes modulações do sentimento, sem esforço e naturalmente. Não perdeu uma intenção nem lhe escapou o menor traço caracteristico do papel. Soube realçar a ingenuidade sem a privar da verdade. É das mais brilhantes estreas a que temos assistido.

Repetio-se depois do proverbio de Musset a opera comica *Une nuit à Seville*, de que já fizemos a analyse n'uma das chronicas anteriores. A execução foi d'esta vez igualmente admiravel; cantou-se como só ali temos ouvido cantar a opera comica.

Passou-se do theatro para o salão do baile. O mundo elegante achava-se esplendidamente representado e ostentava um luxo deslumbrante. Dançou-se, walsou-se, polcou-se, conversou-se, criticou-se, lisongeou-se e fez-se es-

pírito legitimo e de emprestimo até ás 4 horas da manhã. Realizou-se como tinha sido annunciado no theatro do Gymnasio o beneficio de Madame Guillaume. Para se julgar da concorrência diremos que se acabaram os bilhetes. O publico provou assim aos artistas portuguezes que promoveram esta representação o apreço em que tinha a sua honrosa conducta.

Começou o espectáculo pelo drama n'um acto *A mulher que engana seu marido*, desempenhado pelos actores do theatro normal.

É das produções dramaticas mais completas, que conhecemos dentro de tão limitado quadro. A acção nasce, enreda-se e desenvolve-se com extrema naturalidade. Todas as situações são bem calculadas e algumas tocam no coração. Os applausos do publico sancionaram o merito da obra e recompensaram o seu desempenho.

Sentimos que a versão não fosse esmerada como a comedia merecia, o que de certo lhe havia de duplicar o exito.

Em consequencia de se terem prestado sómente dois artistas da companhia franceza, mademoiselle Roqueville e mr. Minne, a concorrerem para este beneficio não havia a hesitar na escolha da comedia *Croque Poule*, a unica que dependia só de duas figuras, e apesar de estar muito vista, alcançou ainda esta noite um legitimo triumpho. Parecia que era a primeira vez que se ouvia; a attenção e o agrado foram geraes.

Severa lição soffreu o ex-director da companhia franceza mr. Luguet nesta noite. Negando-se a proteger uma compatriota sua, quando pela posição que occupou, devia ser o primeiro a fazel-o, deu uma prova de sordido egoismo que o prejudica bastante.

As mascaras caem quando menos se espera. Em quanto mr. Luguet tirava a sua, mademoiselle Roqueville e mr. Minne justificavam o apreço e distincção que sempre mereceram á platéa, provando mais uma vez que o verdadeiro talento é sempre o primeiro a offerecer generosamente a mão a quem lh'a estende.

Saint-Léon tocou umas variações na rebeca, com o gosto e delicadeza que todos lhe reconhecem e que tantas palmas e bravos lhe tem alcançado.

Minne no intervallo *Titi à la representation de Robert le Diable* legitimou ainda mais o seu talento comico, tirando todo o partido que lhe offerecia aquella engraçada scena. Despertou o riso de bom gosto, comprehendendo e revelando todo o espirito que existe naquelles disparates.

O entusiasmo com que foi victoriado mostra a sympathia que merece ao publico portuguez, sympathia que todos os dias vemos augmentar.

As *aves maravilhosas* de mademoiselle Vandermeersh tambem concorreram a embellezar o espectáculo. *Cardinal* esteve admiravel, obedecendo em tudo á sua gentil dona. Caprichou em coadjuval-a lisongeiramente para mostrar que tambem sabe ser philanthropico. *Calfat e Orix* não poderam rivalisar com o seu collega, mas empenharam-se com ardor no desempenho dos differentes exercicios, cuja execução lhe foi confiada.

Continúa ainda o enigma e parece-nos que veremos auzar-se Mademoiselle Vandermeersh sem ninguem o ter decifrado. *La fée aux oiseaux* ficará sendo julgada como tal. Nós hesitamos entre o feitiço e o magnetismo, e se nos inclinamos mais para este ultimo é porque os seus olhos a isso nos obrigam. Mas seja o que for o que se lhe não pode negar é o maravilhoso.

Fechou o espectáculo a comedia *Mariquinhas a Leiteira*, executada pela companhia do Gymnasio. Taborda desempenhou o papel de saloio com verdadeiro talento comico, imprimindo-lhe a sua feição natural.

A *Festa do Passeio Publico* agitou durante quatro noites consecutivas a população da capital; a concorrência foi numerosa. Era uma novidade, todos correram a vê-la. Teve admiradores e descontentes, como tudo; descontentaram-se as opiniões como sempre. Haviã exaltados que queriam mais, conservadores que pediam menos, e moderados que achavam regular.

Nós para sermos verdadeiros diremos francamente o nosso parecer. Entendemos que havia maior partido a tirar dos elementos que tinham. Esperavamos que buscassem sair da trivialidade e que tentassem dar uma forma nova e elegante aos pavilhões. Desejavamos a *barraca* banida; pois além de muito vulgar torna-se monotoná á vista. Contavamos que aproveitassem o gaz para o embellezamento da iluminação, uma vez que a despeza principal da introdução estava feita. Podiam descrever com elle maravilhosos effeitos de luz e apresentar assim uma grande novidade. Dir-nos-hão, que a despeza avultaria deste modo, prejudicando a receita; e nós responderemos que despertando maior curiosidade forçosamente atraiam maior concorrência.

Declaramo-nos tambem partidarios dos *balões*, e achamos que é o que mais convem entre o arvoredo. Conservariamos a rua do centro illuminada a gaz mas o resto haviamos de adornal-o com os sobreditos balões.

Mas basta do que podia ser e passemos ao que foi.

O *Passeio* estava brilhantemente alumado, e offerecia ao publico diversas distracções. Logo á entrada ficavam os bazaaros. O mundo elegante abandonou o *crochet*, a *polishomania* e as *flores de papel*, entretenimentos destinados a substituirem a ausencia do theatro lyrico e francez, para ir ali implorar a caridade publica a favor da infancia desvalida.

Eis-aqui os nomes das senhoras que estiveram nos bazaaros:

Ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> — D. Virginia Detry. — D. Virginia Vizeu da Costa. — Mademoiselle Nadine Ozeroff. — D. Amelia Balsemao. — Madame Ozeroff. — D. Rita Vizeu da Costa Lobo. — Madame Petterson. — D. Sophia Jervis Ferreira Pinto. — Viscondessa da Luz. — D. Maria Nazareth da Cunha e Menezes. — D. Leonor Barreiros Pinto. — Viscondessa da Foz. — Condessa de Lúmiães, Saldanha. — Madame Carolus. — D. Maria Magalhães Quintella. — D. Constança Cantagallo. — D. Maria Domingas Manuel. — D. Cecilia Vanzeller. — D. Maria Krus Brito do Rio. — D. Josefa Brito do Rio. — Viscondessa do Portocarrero. — D. Henriqueta Araujo. — D. Maria da Conceição Féo. — D. Maria Rosa da Veiga Araujo. — D. Carolina O'Neill. — D. Cecilia O'Neill. — D. Maria Benedicta Meuron. — D. Antonia Rebello. — D. Anna Simões. — D. Clotilde Veiga de Araujo. — D. Joanna S. Thiago. — D. Amelia S. Thiago. — Condessa d'Anadia e suas filhas. — D. Maria Augusta Osorio. — D. Maria Isabel de Magalhães Cabral. — D. Maria Luiza Tinoco de Moscoso e sua filha. — D. Anna Isabel de Alincourt Braga. — D. Augusta Sarmento Ottolini. — Marquiza de Castello Melhor. — Duqueza da Tereceira. — Marquiza de Fronteira. — Condessa da Torre. — Viscondessa de Rilvas, D. Clara. — Miss. Shores. — D. Emilia Isabel Alincourt Braga. — D. Emilia Krus de Azevedo. — D. Capitolina da Silveira Vianna.

É impossivel mostrar maior empenho e mais ardente dedicação do que todas estas senhoras manifestaram em favor das crianças desvalidas. Cumpriram admiravelmente a sua missão. Olhos e labios habituados só a dizerem — quero — não duvidaram implorar.

E quem havia de resistir a tão delicadas supplicas, proferidas por tão gentis protectoras? Parece-nos que eram capazes de tornar pródigo o proprio *Harpagon*!

Os sorrisos mostravam perolas e as perolas transformavam-se em ouro para os desherdados da fortuna. Muitos opulentos lá deixaram a bolsa, e quem sabe se algum deixaria o coração. Não se vá agora pensar que tinhamos o intuito de dizer que ha quem tenha o coração na bolsa. Ha. Póde ser que haja. Mas longe de nós desvirtuar acções cujo resultado é em beneficio da Sociedade e do futuro.

A caridade em proveito da innocencia não podia ser melhor exercida do que por mãos feminis. São ellas que amparam a innocencia e são ellas que inspiram mais a caridade. Assim não houvesse quem abusasse d'ambas as virtudes, porque, é desgraça da humanidade, até na pratica da virtude o zelo excessivo tem inconvenientes graves.

Os elegantes desertaram dos *caffés*, do *club* e do *gremio* para irem postar-se em frente das lojas, realisando mais uma *pasmaceira*, predilecção das mais favoritas entre nós.

A *pasmaceira* deve a sua fundação ao chiado, onde começou a ser exercida, augmentando diariamente o numero dos adeptos e chamando insensivelmente ao seu gremio quasi toda a gente, sem distincção de qualidade ou posição.

O deputado que sahia da camara em chegando ali pasmava (delles é que ninguem pasmou); o empregado que vinha da repartição, o negociante que voltava da praça, o janota, o litterato, o titular, o proprietario, o jornalista, todos soffreram a influencia da *pasmaceira*.

O que é preciso é não equivocar *pasmaceira* com pasmo. Ha muita gente que fica pasmada e pouca que tenha de que pasmar. Exceptuam-se os que pasmam de si mesmos, complacencia a que em geral se é infinitamente propenso.

No *Passeio* foi um pasmo geral debaixo d'uma chuva de fogo.

Ensaíam-se, no theatro de D. Maria II para o beneficio da actriz Soller, duas comedias originaes devidas ás pennas de dois dos nossos mais distinctos escriptores: *Um Casamento e Despacho*, de Antonio de Serpa, e *Como se sobe ao poder*, de Luiz Augusto Palmeirim.

ERNESTO BIESTER.

### AVISO.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Casttello, o sr. A. J. Pereira; Setúbal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro, ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo n.º 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manoel Gomez de Amorim.